

Annius Primitivus e a elite mercantil de Balsa

João Pedro Bernardes | CEAACP - Universidade do
Algarve

A epigrafia da cidade romana de Balsa (Luz de Tavira) revela-nos uma sociedade cosmopolita, essencialmente marcada por uma elite mercantil. Essa elite, ligada ao comércio marítimo mediterrânico, mantinha a cidade com relações próximas e privilegiadas a grandes centros de comércio, como *Ollisipo*, *Gades* ou à atual região da Tunísia, como se constata pela epigrafia de que o pedestal de estátua de *Annius Primitivus* é bom exemplo (CIL II, 13; IRCP 73). A epígrafe deste liberto, de carácter votivo e honorífico, é amiúde referida na bibliografia, tendo sido objeto de vários estudos específicos dado o seu interesse linguístico e cultural (por exemplo Encarnação, 2014 e 2018). Consagrada a Fortuna Augusta, o dedicante, numa ação benemérita em resultado da sua eleição ao sexvirato, refere que pagou às suas custas um espetáculo de barcas e outro de pugilismo para além de distribuir dádivas aos cidadãos (*barcarum certamine et pugilum sportulis etiam civibus datis*). Mais do que abordar em detalhe os eventos que a epígrafe nos revela, foquemo-nos no contexto socio económico da cidade de Balsa onde se enquadra *Annius Primitivus* (Fig. 1).



Fig. 1 - Epígrafe de *Annius Primitivus* (CIL II, 13; IRCP 73): *Fortunae · Aug(ustae) · / sacr(um) · / Annius · Primitivus / ob · honorem / IIIIvir(atus) · sui / edito · barcarum / certamine et · / pugilum sportulis / etiam · civibus / datis · d(e) · s(ua) · p(ecunia) · d(ono) · d(edit)*.

Ainda que não seja totalmente seguro que o *certamen* de barcas correspondesse a uma *navmachia* - etimologicamente batalha naval - podendo tratar-se antes de uma regata, com que também quadra bem a palavra *certamen*, teria que ser alguém com considerável influência e poder económico para se propor a organizar tal evento, independentemente da sua natureza bélica ou desportiva. *Annius Primitivus*, enquanto comerciante ligado ao mar, confrontava-se recorrentemente com o fenómeno da pirataria que, pelo menos, o preocupava. Dado o seu *mvnvs*, estaria certamente motivado e bem preparado para organizar um evento deste tipo que simulava ou se conotava com a perigosidade do mar e da resistência ou fuga a ataques piratas. Por outro lado, a sua riqueza e influência, permitiam-lhe levar para a frente tal tarefa que, pela complexidade e custo, era rara, conhecendo-se apenas três testemunhos epigráficos da sua existência, organizados em centros urbanos relevantes ou, mais frequentemente, pela casa imperial (Encarnação, 2018, p. 63 e 64).

É certo que a existência da ria Formosa, de águas calmas e sem ondulação, lhe facilitaria a tarefa dessa disputa com barcas, uma vez que não havia necessidade de recorrer a processos mais complexos como a inundação de um recinto de espetáculos ou de um fosso escavado para esse efeito, como fez César nos jogos triunfais de 46 a.C. no campo de Marte (Suetónio, *Caesar*, 39). Por outro lado, podemos imaginar que também não teria grande dificuldade em providenciar as barcas para tal evento, uma vez que, certamente, recorreria a embarcações do tipo *cavdicaria*, de fundo plano, que navegavam na ria, de que temos uma imagem nos mosaicos das ruínas de Milreu (Fig.2). Mas, ainda assim, não deixa de ser obra admirável para um notável de uma cidade nos confins do Império.

Que a riqueza deste balsense era avultada provam-no ainda as outras ações beneméritas que fez a par do certame das barcas, como a dádiva de dinheiros aos cidadãos balsenses ou o patrocínio de um outro *certamen* de pugilismo, algo aparentemente pouco comum por estas paragens. Importa, pois, saber de onde viria a inspiração, os meios e a riqueza para oferecer aos balsenses eventos pouco frequentes ou até mesmo algo exóticos para uma cidade lusitana.



Fig. 2 - Barco de fundo plano representado no mosaico do *podium* do templo de Milreu.

A epigrafia da época imperial revela-nos mais de uma dezena de eventos relacionados com combates de boxe, para além da referência a *cognomina* derivados da prática do pugilismo.¹ Desde logo é notória a sua frequência em África, particularmente na província da *Africa Proconsularis*, de onde são oriundos sete dos onze testemunhos epigráficos aludindo a este desporto (EDCS, 08691000; 25001454; 25501660; 23400825; 17701195; 17700389; 25001457). Os combates de boxe seriam naquela província bastante apreciados, ao ponto de serem tema escolhido para ilustrar mosaicos, de que se conserva um belíssimo exemplar no museu do Bardo, oriundo de *Thuburbo Majus* (Fig. 3). Aliás, não é apenas a prática do pugilismo que remete para aquela região romana de forte tradição púnica; toda a redação do texto epigráfico possui conotação fortemente africana, de que a expressão *barcarvm* é sintomática, como já foi assinalado (Mantas, 1998, p. 204; Andreu Pintado, 2004, p. 223-224).

Também o perfil de importação de cerâmicas, logo a partir de finais do século I e sobretudo do III, com uma forte presença de cerâmicas de cozinha e de mesa, bem como de ânforas, atesta uma forte ligação da cidade de Balsa à *Africa Proconsularis*, mais concretamente à região de Cartago e ao que corresponde o atual litoral da Tunísia. Mas são sobretudo os dados da epigrafia, refletidos quer na onomástica quer no conteúdo dos textos ou ainda na estética dos monumentos, os testemunhos mais eloquentes dessas ligações. Não é assim por acaso que uma das famílias mais influentes da cidade lusitana, a dos *Manlii*, possua um *nomen* muito frequente em África, não sendo este caso único entre as elites balsenses a atestar afinidades e contactos entre as duas regiões.

Se os negócios justificavam a maior parte desses contactos, pois que Balsa é uma cidade essencialmente mercantil, existe outro tipo de mobilidade, mais uma vez atestada pela epigrafia, que se refere a migrações. É o caso de *G. Bossivs Satvrninvs* que, vindo de *Neapolis*, se torna *incola balsensis*, antes de se radicar na capital conventual de *Pax Iulia* onde adquire a cidadania romana (CIL II 105 = IRCP 294). Percurso semelhante terá tido *Caecilia Mvstia* e seu marido, *L. Firmidivs Peregrinvs*, oriundos de Útica e que se radicam nos territórios de Mértola e daquela capital conventual (CIL II, 17 = IRCP 99). Mas de Balsa ou dos territórios vizinhos certamente que outros houve a fazer o caminho inverso, à semelhança do mertolense *Lucivs Messivs Frvctvs* que serviu na I Coorte Urbana, morrendo na cidade romana de Cafsa, atual Tunísia (AE, 1996, 1701).

Claro que, para além da *Proconsularis*, haverá relações estreitas com outras regiões do Império, igualmente atestadas pelos dados arqueológicos e epigráficos disponíveis, como é normal numa cidade portuária às portas do Mediterrâneo. Assim, a proximidade com a vizinha Bética é por demais evidente, ao ponto da maior parte das cerâmicas presentes em Balsa, particularmente no Alto Império, serem daí provenientes (Viegas 2011, *passim*); ou a epigrafia nos revelar vários *nomina* fortemente vinculados à região gaditana; ou ainda relações próximas com *Olisipo* e a vizinha *Ossonoba* onde encontramos as mesmas famílias mercantis. Mas, no contexto da província da Lusitânia, a influência norte africana em Balsa e sua região é de certa forma singular, como se depreende dos dados aduzidos, o que decorre de uma longa tradição que vem, pelo menos, do período púnico-turdetano.

¹ Como rapidamente se poderá ver na base de dados em linha Epigraphik-Datenbank Claus / Slaby - EDCS.



Fig. 3 - Combate de pugilistas em painel de mosaico de *Thurbo Majus* (Tunisia).

O perfil mercantil da sociedade é um dos tópicos mais marcantes que transpira da análise dos estatutos socioeconómicos dos indivíduos presentes na epigrafia balsense, onde metade dos trinta indivíduos com estatuto identificado são libertos e 30% dos nomes tem componente grega. O espectro social conhecido é completado por um conjunto de influentes cidadãos a que se vinculam alguns daqueles libertos e gente de estatuto servil. Com um poder aquisitivo elevado, as suas elites traziam produtos um pouco de todo o lado, cujo carácter excecional no contexto da arqueologia romana portuguesa tem marcado a imagem da cidade de Balsa desde finais do século XIX, quando se expôs pela primeira vez a coleção recolhida por Estácio da Veiga. Dos dados disponíveis, pode depreender-se que a fortuna granjeada pelos negócios que possibilitou a aquisição de algumas peças notáveis não terá bafejado apenas *Annivs Primitivvs*. Simbolizando, à boa maneira helenística, as virtudes divinizadas da esperança e da fortuna frequente entre essa elite do Mediterrâneo dedicada ao comércio, figura entre os achados de Balsa a estatueta a *Fortuna Spes* ou “Tyche”, peça importada, provavelmente no século II, onde a figura da deusa é representada com o pé esquerdo sobre a proa de um navio (Gonçalves, 2007, p.279). Esta peça (Fig. 4), bem representativa da forma como *Annivs Primitivvs* e outros seus conterrâneos obtiveram a riqueza, ao mesmo tempo que alude à barca do destino conduzida por Fortuna, é oriunda dos terrenos da antiga Quinta da Antas, local de onde são conhecidas duas lápides que testemunham a doação de 100 pés do *podivm* do *circvs* local por *L. Cassivs Celer* (IRCP 76) e por *G. Licinivs Badivs* (IRCP 77), outros dois burgueses possivelmente contemporâneos daquele, do século II, período de grande apogeu da cidade.



Fig. 4 – Estatueta de Fortuna (42,4 x 16,7 x 14,8 cm) com o pé esquerdo sobre a proa de um navio, símbolo do comércio e da boa fortuna dos que navegam as águas do Mediterrâneo, encontrada na Quinta da Antas (MNA: 12036 – Matriznet-foto José Pessoa).

Para além do tráfego marítimo e das atividades comerciais a que se dedicavam as elites balsenses, a exploração dos recursos locais, nomeadamente a transformação e exportação de preparados de peixe que justificaria boa parte dos seus proventos e poder aquisitivo, não tem sido suficientemente realçado na bibliografia. As investigações arqueológicas em Balsa, nomeadamente as do projeto em curso intitulado “Balsa, searching the Origins of Algarve”,² têm permitido conhecer alguns dados que nos ajudam a entender melhor a evolução da cidade bem como da sua economia. Nas escavações de 1977, Manuel e Maria Maia escavaram parte de uma fábrica de preparados de peixe situada a oeste da colina onde se situam as casas da Quinta de Torre d’Aires, em plena malha urbana. No alto da colina levantava-se, muito provavelmente, o fórum da cidade, tendo em conta não apenas a topografia do local, as estruturas que aí se encontram e o aplanamento artificial do seu topo que se ajustaria a tal localização, mas também porque boa parte da epigrafia comemorativa e honorífica da cidade é proveniente daí. A fábrica encontrada, situada a centena e meia de metros para nascente e já relativamente próxima das margens da ria Formosa, é do Baixo Império, apresentando as estruturas colocadas à vista vários blocos reutilizados de grandes edifícios.

² Projeto financiado pelo Programa Operacional CRESC Algarve 2020, do Portugal2020 (01/SAICT/2018 nº 39581). Mais informação em <https://balsa.cvtavira.pt/> -Datenbank Clauss / Slaby - EDCS.

Também nas escavações de 2021 voltou-se a encontrar outro complexo fabril, a mais de cem metros do anterior (Fig. 5), igualmente do Baixo Império, indiciando os resultados das prospeções não invasivas por georadar a existência de outras estruturas do mesmo tipo entre os dois pontos. Os resultados geofísicos voltam-nos a revelar um amplo complexo de estruturas junto à ria, mais para nascente, entre 300 a 400 metros do anterior, nos terrenos da antiga Quinta das Antas, e 100 metros depois ainda se veem os restos de tanques já referidos por Estácio da Veiga, no século XIX (Fig. 6). Face aos dados atuais começa, pois, a vislumbrar-se um elevado número de edifícios de processamento de preparados piscícolas numa extensa faixa ao longo da ria Formosa, que constituiriam um importante pilar económico da sociedade balsense. Importa agora apurar a cronologia desses complexos piscícolas e verificar se são compatíveis com os períodos em que a cidade apresenta indícios de maior riqueza e uma elite dinâmica, datável pela epigrafia da segunda metade do século II e Inícios do III, como é o caso da epígrafe de *Annivs Primitivvs*. Para já, parece que a cidade, com uma malha urbana bem menos extensa do que tem sido apontado, era rodeada por ricas *villae* pertencentes a membros da sua elite, surgindo fortes indícios de que em finais do século II ou inícios do III a urbe terá passado por um período de destruições a que se seguirá um período de reconstruções aproveitando materiais de antigos edifícios.



Fig. 5 – Cetária de uma fábrica do Baixo Império em rua de Balsa, escavada em 2021.

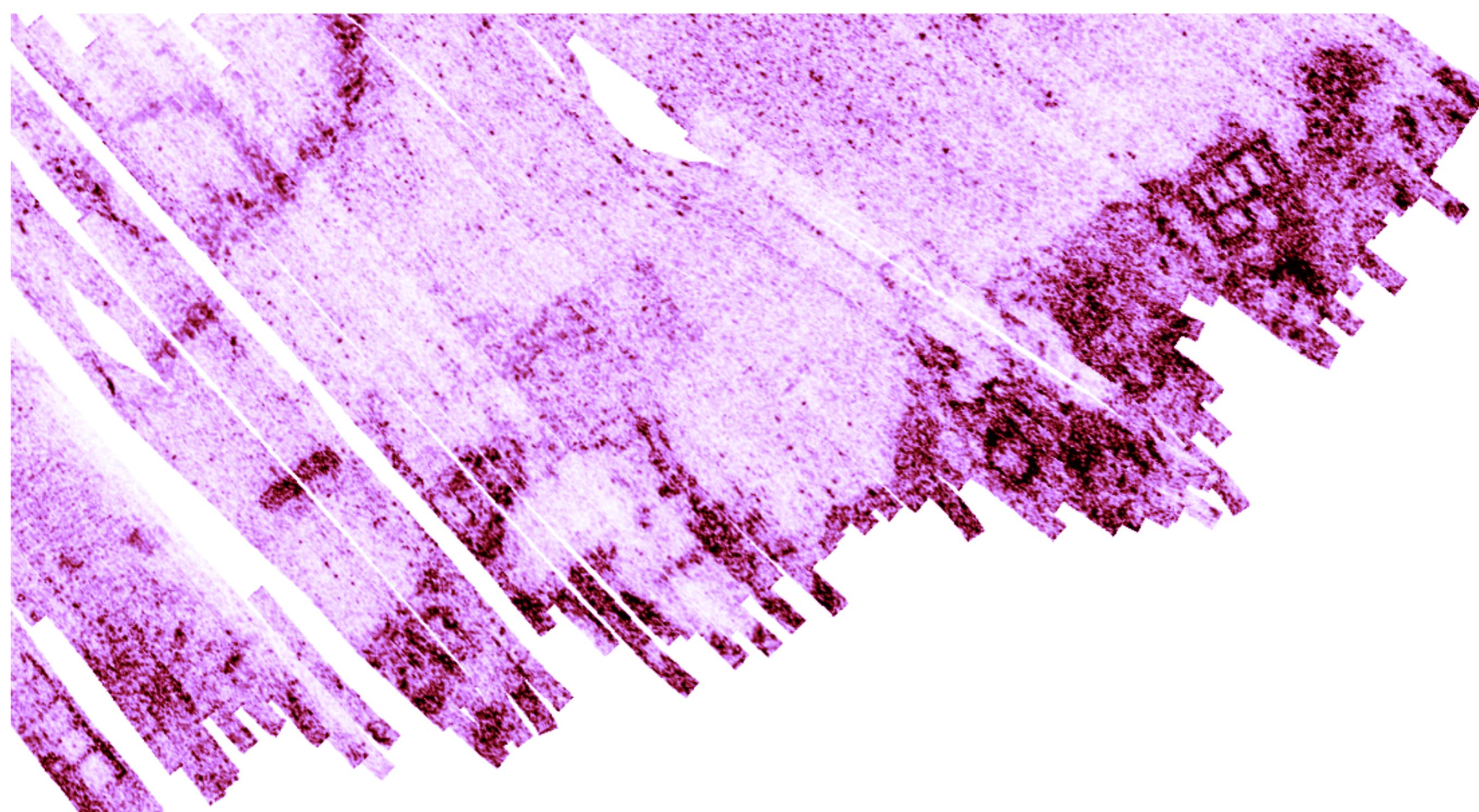


Fig. 6 –Anomalias geofísicas de leitura por georadar indiciando fábricas de preparados de peixe ao longo da ria Formosa em terreno da antiga Quinta da Antas.

Referências bibliográficas:

AE = *l'Année Epigraphique. Revue des publications épigraphiques relatives à l'Antiquité romaine*, Paris

Andreu Pintado, Javier (2004), *Munificencia pública en la provincia Lusitania (siglos I-IV d. C.)*, Zaragoza: Institución "Fernando El Católico".

CIL II = Hübner, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlin.

EDCS - *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* : <http://www.manfredclauss.de> (consultado em 28 /10/2021).

Encarnação, J. d', (2014), "A epígrafe latina como elemento didático (XXXIII): o colégio dos séxviros - religião e poder em evidência", *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 59, p. 95-102.

Encarnação, J. d'(2018), "A epígrafe latina como elemento didático (XXXV): a aparente inocência de um ex-voto a fortuna", *Boletim de Estudos Clássicos*, Vol. 63, p. 81-88.

Gonçalves, Luís Jorge R. (2007), *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano* (2 Vols.), Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

IRCP = Encarnação, J. d' (2013²), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 19841, (2ª edição disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>). Mantas, Vasco G. (1998), "Navegação, economia e relações interprovinciais. Lusitânia e Bética", *Humanitas*, Vol. 50, p. 199-239.

Viegas, Catarina (2011), *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, Lisboa: Uniarq.